

Fragmentos de um discurso: a narrativa do jornalismo cultural na pós-modernidade

Viviane Marques Guedes*

Índice

1 A contigüidade entre modernidade e pós-modernidade	2
2 A configuração do jornalismo cultural na pós-modernidade	6
3 Considerações finais	9
4 Referências	9

Resumo

Esse artigo apresenta, entre outras discussões, uma reflexão acerca da identidade do jornalismo cultural no âmbito da pós-modernidade. Como se sabe, os conceitos de modernidade e pós-modernidade, dentro do paradigma sociológico, sintetizam um sem número de ponderações, que ora se complementam, ora se contrapõem, oferecendo um vasto campo interpretativo e propiciando estudos e conclusões de fulcral importância para a investigação da vida social. Partindo desses pressupostos, destacamos então nosso interesse em compreender, de maneira sucinta, as interseções e as contraposições que se apresentam em torno dos conceitos supracitados, para, a partir desta apreensão, abordarmos a conotação do jornalismo

cultural no contexto da pós-modernidade e como essa prática dialoga com características centrais imanentes ao mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Modernidade; Pós-Modernidade; Jornalismo Cultural.

Introdução

É tarefa sobremaneira complexa encontrar uma conceituação adequada para o que se convencionou designar de pós-modernidade. Ora, se as definições e os estudos efetuados na modernidade ainda se apresentam passíveis de múltiplas interpretações, a etapa pós-moderna vem acentuar o cenário das vicissitudes reflexivas.

Não trataremos nesse artigo desses recortes conceituais que delimitam temporalmente a transição do mundo moderno ao pós-moderno, mas cabe aqui encontrar um significado para as práticas sociais inseridas no âmbito da contigüidade entre essas épocas históricas.

São diversas as discussões teóricas que buscam conferir uma conceituação mais apropriada para o fenômeno da modernidade e suas conseqüências, tanto para o pensamento quanto para a vida social.

*Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. João Pessoa, 2007.

Nesse breve ensaio, apresentaremos, inicialmente, uma discussão sobre a contigüidade imanente ao decurso da modernidade e pós-modernidade, para compreendermos, a partir de uma perspectiva sociológica, a imbricação e as particularidades de tais conceitos.

Em seguida, passaremos a tratar mais especificamente do tema relacionado ao jornalismo cultural, enfatizando a incursão do jornalismo na lógica pós-moderna e refletindo até que ponto essa prática jornalística sintetiza as características essenciais da era contemporânea.

1 A contigüidade entre modernidade e pós-modernidade

A multiplicidade de estudos envolvendo os conceitos de modernidade e pós-modernidade busca apresentar um escopo sistematizado de teorias que sintetizam a essência das transformações sociais, culturais, econômicas, ideológicas e políticas de cada uma destas épocas. Assim, a infinidade de estudos torna a apreensão interpretativa das diversas estruturas sociais cada vez mais complexa e conduz o pesquisador contemporâneo a uma contextualização conceitual e temporal imprescindível para os estudos que deseja realizar.

De acordo com investigações sobre o fenômeno da modernidade, entende-se que esta representa um período caracterizado por grandes transformações sociais, políticas, ideológicas, econômicas, iniciadas por volta do século XVII, seguidas de um crescente processo de modernização associado a eventos de grande impacto, como a Revolução Industrial, a Revolução Francesa e

o constante desenvolvimento do capitalismo. Sobre este aspecto, nas palavras de Kumar:

A Revolução Francesa deu à modernidade sua forma e consciência características – uma revolução baseada na razão –, a Revolução Industrial forneceu-lhe a substância material. (...) é difícil separar o industrialismo das correntes mais amplas da modernidade, das quais faz parte. Suas raízes fincam-se na revolução científica do século XVII e, mais anteriormente, no protestantismo do século XVI. Assim, a modernidade é tanto uma questão de idéias e atitudes quanto de técnicas (KUMAR, 1997, pp. 93-94).

Com esta definição, percebemos a grande importância das revoluções e, sobretudo, do espírito revolucionário da sociedade moderna para as transformações e modernizações observadas naquele período histórico, no sentido de alcançar mudanças significativas, tanto técnicas quanto ideológicas, voltadas a fortalecer o marcante progresso capitalista.

O tecnicismo industrial da modernidade surge, dentre outros fatores, como consequência de um preparo precedente nas bases produtivas da sociedade ocidental, o que desencadeou inúmeras transformações na existência social daquela época, trazendo consequências imensuráveis também para o mundo contemporâneo. Giddens (1991, p. 13) demonstra que: “Estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes”. O autor se refere a um período ou ordem pós-moderna, sugerindo uma diferença marcante entre o que hoje é considerado como pós-modernidade.

Além destes recortes epistemológicos, deve-se ter presente que a modernidade é efetivamente um período marcante para a história da humanidade, independente das considerações acerca de seus desdobramentos, que vislumbram apreender o período posterior a esta época como: pós-modernidade, alta modernidade ou modernidade tardia. A modernidade é antes de tudo uma efetivação histórica de uma sociedade, e apresenta diversas causas quanto consequências passíveis de incontáveis reflexões. Isto se revela quer seja nas conquistas, no progresso tecnológico e econômico, quer seja nas problemáticas e contradições sociais adjacentes ao mundo moderno.

É próprio das reflexões acerca da modernidade, encontrar um ponto central de análise, dentre outros obviamente: a questão do tempo. Diversos teóricos demonstram a dimensão ocupada pelo tempo no mundo moderno, ressaltando que o tempo apresenta crucial importância em relação ao espaço. Isso se explicaria justamente devido à idéia de progresso que está associada à sociedade moderna, onde o avanço tecnológico, o desenvolvimento industrial e capitalista apontam progressivamente para o futuro, um tempo em que os progressos industriais e científicos encontrariam sua plenitude no decurso evolutivo da humanidade. Esta idéia de progresso e tempo teleológico surge associada com o conceito de tempo cristão, que tem na vinda, ressurreição e retorno de Cristo um fundamento principal para a história humana, isto é, um tempo sempre futuro, cuja finalidade principal é a promessa do porvir.

É também na modernidade que a ciência ganha um *status* totalizante, onde a razão exerce uma influência central no âmbito da

sociedade, passando a coordenar as descobertas e investigações no campo social. Os clássicos do pensamento sociológico buscavam, dentre outros aspectos, dar conta da realidade existente a partir de conceitos universalizantes, instaurando uma pretensa hegemonia do saber científico a partir das chamadas “metanarrativas”. A solidez e a universalização dos conceitos clássicos podem ser retratadas no que se segue:

Podemos dizer que a teoria sociológica clássica vê processos vitais intensificando-se para fundar a modernidade. Que processos são esses? Simplificadamente seriam: em Durkheim, a divisão do trabalho social; em Marx, a tecnificação; em Weber, as racionalizações (DINIZ e ALVES, 2005, pp. 28-29).

Isto demonstra o quanto os autores do pensamento clássico emprenhavam-se em explicar a realidade social a partir de uma perspectiva central que desse conta do todo, descartando, por conseguinte, outros paradigmas de análise.

Embora tenhamos nestes autores um arcabouço substantivo para compreender o mundo moderno, e a partir daí ponto de partida também para os estudos contemporâneos, não se pode dizer que os conceitos universais possam ser aplicados isoladamente à sociedade atual. Há que se encontrarem hoje novos paradigmas de análise para a sociedade que se apresenta, embora, a nosso ver, seja possível o resgate de conceitos clássicos que, repensados e associados a novas explicações, ainda podem ser retomados, de maneira brilhante, em estudos sobre o mundo pós-moderno.

Ao final deste breve aporte conceitual sobre a modernidade, cabe destacar algumas reflexões sobre o período que procede do mundo moderno, para concluirmos este tópico tecendo algumas considerações acerca de nossa íntima compreensão sobre estas temáticas.

A partir da década de 70 do século XX, o campo social passa por mudanças significativas que se refletem tanto no modo de estar no mundo como nas mais diversas matizes do pensamento sociológico contemporâneo. Daí surgem conceitos e reflexões ocupados em sondar e sistematizar uma linha de apreensão tanto da realidade moderna como da existência pós-moderna.

Ora, a pós-modernidade representa uma época de profundas mudanças no universo social, que se estende desde as transmutações tecnológicas e fragmentação dos sujeitos até o convívio entre diferentes formas de saber, como a literatura, a poesia, a filosofia, a ciência, a religião e, por que não dizer, o saber das novas tecnologias da informação, disto fazendo parte o próprio jornalismo: uma forma de saber cotidiano indissociável das sociedades contemporâneas.

Todas as novas conotações assumidas pela pós-modernidade têm influência direta na vida social, instituindo inclusive novos modos, costumes e hábitos de vida social.

É nessa época pós-moderna que os indivíduos serão cada vez mais orientados “para o consumo, para a procura de experiências, os indivíduos são socializados sob os papéis de quem procura o prazer e acumula sensações” (DINIZ E ALVES, 2005, p. 38).

Essa relação sinestésica entre os sujeitos e o mundo parece estar marcada cotidianamente pela lógica efêmera e superficial da sociedade de consumo, da sociedade frag-

mentada e guiada por simulacros. Segundo Diniz e Alves (2005), refletindo sobre as considerações de Vattimo, Baudrillard e Jameson:

No lugar da distinção entre imagem e realidade, característica tanto da tradição ocidental como da modernidade, a sociedade pós-moderna transformou as imagens em simulacros, que produzem efeitos sociais apenas porque existem, não porque remetem a uma realidade que as transcenda. **O simulacro** (...) é um símbolo do pós-moderno, enquanto revela potencialidades e limites de um campo específico, **a comunicação**, que é regido por regras próprias e produz efeitos sociais determinados, embora não possa ser definido “real” em sentido tradicional (DINIZ e ALVES, 2005, pp. 50-51). (Grifo nosso).

Os processos comunicativos na sociedade contemporânea vêm associados a uma frequente des-realização do real, onde os sujeitos são ligados por uma rede global de informação e comunicação, passando a conceber tais representações como reflexos da realidade. Vivem em um mundo simbólico, onde os signos e as imagens exercem um poder sobre as realidades e sobre os próprios indivíduos.

Os sujeitos, no mundo atual, vivem a contemplar um presente inacabado, que está sempre se refazendo através de um movimento em torno de seu próprio foco. Na contemporaneidade, não há mais contexto para o novo, para a novidade tecnológica, para as grandes descobertas, mas vive-se hoje em um tempo que não se direciona mais para o futuro, nem se inspira no passado, mas em

uma era enfeitiçada pelo tempo presente, pelas múltiplas possibilidades fragmentadas.

Estamos em um contexto da fluidificação de conceitos, que leva os saberes a conviverem frente a frente e a se aceitarem enquanto verdades possíveis. Vive-se no tempo da globalização da cultura e de outros bens ideológicos, que dialogam com as diversas possibilidades identitárias, como nos alerta Featherstone (1997). Tempo este em que a linguagem apresenta um domínio até então nunca visto e os jogos lingüísticos são vistos enquanto entidades que formam indiscutivelmente os significados no mundo contemporâneo.

É a partir da linguagem e do discurso que os saberes se manifestam, as invenções são socializadas e a própria vida é representada. A pós-modernidade apresenta-se como um momento histórico em que tudo que existe precisa ser pensado a partir de uma perspectiva construcionista, que molda o edifício da realidade social e também a desconstrói em um simples piscar de olhos. Tal perspectiva tem o poder de decretar o fim do sujeito concebido pela modernidade e de suas verdades imaculadas.

Bauman (1998) refere-se à pós-modernidade como um tempo de mal-estar, de desejo desairoso pela liberdade, algo que siga o sôfrego ritmo das mudanças econômicas, culturais, da tecnologia e do próprio cotidiano social. O tempo das certezas e das estabilidades repousa no divã da modernidade; o que se apresentam, na realidade contemporânea, são fragmentos desconexos de incerteza, descontrolo, insegurança e medo. Segundo Bauman:

A liberdade individual, outrora uma responsabilidade e um (talvez o) problema

para todos os edificadores da ordem, tornou-se o maior dos predicados e recursos na perpétua autocriação do universo humano. (...) Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade e procura de prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (BAUMAN, 1998, pp. 9-10).

Em nossa compreensão, o autor se refere a uma perda de segurança calcada no artifício da liberdade extrema, na busca impensada pelo hedonismo, na fragmentação dos sujeitos, nos descentramentos existenciais, no individualismo, nas descrenças absolutas e dos narcisismos sem precedentes. Enfim, isto apenas para citar algumas características do modo de ser contemporâneo.

Ao final deste tópico, iremos sintetizar algumas considerações acerca desta complexa discussão, e seguiremos com o tópico seguinte que trata especificamente da identidade da narrativa do jornalismo cultural no mundo contemporâneo.

Ora, mesmo com todas estas e outras indiscutíveis mudanças vivenciadas pela sociedade atual em relação ao contexto moderno, não achamos conveniente falar em “fim da história” ou “pós-história”, como comumente se verifica no discurso de alguns teóricos da sociologia, pois acreditamos haver uma gama de possibilidades futuras de mudanças sociais que podem seguir o curso dialético das transformações históricas, quer seja retomando singularidades do passado, quer seja apontando para novíssimas perspectivas ainda inimagináveis; mesmo que

não estejam necessariamente associadas à novidade técnica, calculada ou a paradigmas deterministas, a totalizações inquestionáveis ou a qualquer outra forma de experiência humana concebida pelas teorias sociológicas.

Neste sentido, não adotaremos os termos ruptura e continuidade para apreender as relações entre modernidade e pós-modernidade, mas sugerimos a idéia de uma **contigüidade** entre estas duas eras históricas. Explicaremos o porquê. Bem, o próprio termo “contigüidade” já expõe, grosso modo, o que estamos propondo. Acreditamos haver uma relação **contígua** entre modernidade e pós-modernidade na medida em que estas duas épocas estão em contato íntimo, não existindo o “pós” sem o precedente, ou não havendo uma modernidade imune às mutações próprias do mundo social.

As mudanças não comportariam uma ruptura, pois esta pressupõe completa extinção ou morte de perspectivas anteriores; e também não acreditamos na mera continuidade, haja vista estas épocas representarem peculiaridades inquestionáveis que as tornam únicas em sua existência histórica. Diríamos, pois, haver uma adjacência imprescindível na efetivação destas eras, uma relação de congruência que mantém viável a modernidade em interação com a pós-modernidade, e vice-versa. O valor e as particularidades de cada um destes conceitos, só se tornam efetivamente compreensíveis quanto se mantém o íntimo contato comparativo.

Para finalizar, partimos do pressuposto – e neste ponto concordamos com os teóricos que discorrem sobre o assunto – de que no contexto atual não existiria mais “o saber científico”, no sentido substantivado do termo, mas frequentemente se percebe, no curso das

modificações contemporâneas, uma quantidade plural de saberes. Ressaltamos, neste contexto – e isto será apropriado para as reflexões do próximo tópico – o saber e a narrativa da mídia sobre a realidade diária e sobre os eventos que acontecem no mundo social, que, assim como outros saberes, também apresenta sua “verdade” relativa e referencial.

2 A configuração do jornalismo cultural na pós-modernidade

Como dissemos anteriormente, a mídia também se destaca no contexto pós-moderno, enquanto uma entidade detentora de um saber, de uma forma de conhecimento cotidiano, de uma narrativa que se renova constantemente pelo fluxo inesgotável dos acontecimentos sociais.

Há, porém, dentro do universo midiático uma segmentação e especialização que varia segundo os meios de comunicação e os suportes de informação diversificados, a saber: televisão, rádio, periódicos, internet. Trataremos neste tópico da informação jornalística veiculada no suporte impresso, sobretudo por se tratar de um meio mais recorrente para os informes culturais.

Assim como as diversas instituições sociais passaram por um processo de desmembramento e fragmentação no contexto atual, precisando ser repensadas a partir da teoria social contemporânea, os fenômenos culturais e identitários vivenciam a mesma experiência efêmera, plural e fragmentária que envolve os sujeitos pós-modernos.

Isto posto, é preciso vislumbrar que talvez não exista uma maneira tão precisa de averiguar esta **fragmentação** na cultura quanto

investigando os veículos de informação cultural contemporâneos.

Como foi dito, o jornalismo representa uma forma de conhecimento no mundo atual, que se apropria do discurso social para estabelecer as bases de sua dinâmica narrativa. Os fatos são seu material produtivo, são a estrutura que molda e determina o conjunto informativo. Contudo, as estratégias desta determinação precisam ser progressivamente repensadas para se ter a devida dimensão do que é cotidianamente veiculado pelos meios de comunicação.

Sobretudo quando pensamos na informação cultural, é preciso ter presente que diversas estratégias de agendamento são frequentemente utilizadas para a manipulação e publicação dos acontecimentos neste campo narrativo. As pautas e os recursos de seleção do quadro informativo de bens culturais são procedimentos recorrentes para a publicação do que será tido – ou pelo menos mantido pelos meios de informação – como cultura na sociedade contemporânea.

Em linhas gerais, o jornalismo cultural representa uma especialidade da produção jornalística que se volta a examinar as expressões artísticas, a partir de suas diversas manifestações estéticas: cinema, música, literatura, teatro, artes plásticas e afins. Isto posto, importa-nos imensamente perceber como se estrutura a comunicação entre tais formas estéticas no cotidiano dos jornais e revistas que se propõem a falar de arte no universo contemporâneo.

Como se sabe, as modalidades artísticas estão intrinsecamente ligadas a um significado cultural e, por isso mesmo, o real valor da arte deve ser compreendido por sua ligação com a vida social, com o contexto da localidade, isto é, com o sentido de cultura pró-

prio de cada lugar, de cada sociedade. Será, todavia, que o jornalismo que se diz cultural atualmente se dedica a apreciar esta importante contextualização? Antes de considerarmos a questão, é importante revermos o que nos diz Featherstone:

Se por um lado o fenômeno da globalização promove uma distensão das fronteiras culturais, estabelecendo um limite universalizante, que dimensiona uma cultura comum e integrada; por outro, este mesmo processo responderia por uma retomada das culturas locais, conferindo relevância ao senso de pertença, às experiências comuns e às formas culturais que estão associadas a um lugar (FEATHERSTONE, 1997 apud GUEDES, 2006, p. 129).

Daí vê-se a importância do retorno ao localismo, ao senso de pertença, ao significado do valor cultural de cada sociedade, independente do imperativo da globalização. E seria de extrema responsabilidade do jornalismo conferir o devido espaço a estas subjetividades cotidianas, que conferem, dentre outras contribuições, importante significado ao conjunto cultural pós-moderno. Mais uma vez questionamos: será que o jornalismo cultural apresenta esta motivação narrativa?

É realmente inegável, quando investigamos a produção cultural no âmbito do jornalismo impresso, quer seja em jornais ou em revistas, ressalvadas as devidas exceções, que o que se apresenta é uma abordagem superficial e lânguida dos eventos e acontecimentos no âmbito da cultura. Uma narrativa que não apreende o devido valor do saber cultural nas sociedades contemporâneas. Um retrato fiel da fragmentação característica desta nova era social.

Assim como outras especialidades da prática jornalística, o cultural deixa-se levar pela lógica mercadológica que sorve as outras áreas da vida social. Estamos na era do consumo, da superficialidade, da fragmentação que se espalha pelos diversos campos sociais. E a cultura jornalística ficaria de fora desta tendência? Acreditamos que não! Então seria hora de pensar quais os rumos que a informação vem efetivamente tomando na sociedade pós-moderna. Uma informação que absorve o sentido mais superficial dos acontecimentos, uma narrativa que parte de recortes da realidade para construir fragmentos do “real”. Assim tem acontecido nas várias editoriais do jornalismo, e não deixaria de atingir o universo da cultura.

No jornalismo contemporâneo, resguardando as devidas exceções, não se faz premente uma depuração analítica da obra de arte, pois a perspectiva mercadológica, que, em geral, acelera o ritmo produtivo nas redações jornalísticas, oblitera qualquer tentativa de ênfase reflexiva em torno da informação cultural. O que vai prevalecer neste universo de representação discursiva da arte está menos ligado a um procedimento interpretativo e mais vinculado a uma perspectiva mercantilista – que tende a orientar para o consumo dos bens culturais (GUEDES, 2006, p. 130).

Com o crescimento da imprensa capitalista, a informação jornalística passa por significativas modificações, tanto no conteúdo quanto na forma dos bens simbólicos. Observa-se, a partir de então, que os jornais e revistas passam a dar menos importância à interpretação dos acontecimentos, passando

a abordá-los segundo uma lógica factual, o que tem causado a crescente redução de espaços voltados à informação cultural.

É dentro deste contexto que nos últimos anos o jornalismo dedicado à cultura sofre profundas mudanças. A começar pela carência interpretativa que tem acometido os jornalistas das editoriais de cultura dos veículos impressos. Seguindo, vemos a intensa factualidade que cada vez mais vem acompanhando as informações sobre cultura. A desvinculação entre os sujeitos e o saber cultural local; a análise ou crítica segmentada e superficial das expressões artísticas, que são tomadas pela sua “forma” concreta: filmes, livros, grandes espetáculos, shows, dentre outros. Estas formas são tomadas sem quaisquer vínculos reflexivo ou cultural, que formam os pilares destas produções estéticas. O que importa é vender o produto cultural, nutrir a indústria de consumo. O que se avalia não é a arte a partir de seu significado para as diversas culturas, mas os “produtos” da arte fragmentados para o consumo breve.

No mundo contemporâneo, o discurso do jornalismo cultural, ao atuar na direção supracitada, vem dissociando a arte tanto de seus sujeitos produtores quanto de seu significado artístico-cultural. O saber cultural, ao passar pela mediação jornalística, torna-se envolto em uma série de estratégias discursivas e jogos lingüísticos, passando a ser outro, muitas vezes diferente daquilo que realmente é, de sua autêntica identidade.

O título deste ensaio é bastante sugestivo para as discussões que apresentamos neste texto, justamente por estarmos vivendo em um momento em que efetivamente “tudo que é sólido desmancha no ar”, tudo que é completo e total se dilui no presente pós-moderno e as múltiplas realidades passam

por um processo talvez irreversível de fragmentação. Não seria diferente com os diversos discursos que se apresentam socialmente, dentre eles o discurso jornalístico.

Fragmentos de um discurso – quer seja jornalístico, político, institucional, econômico, cultural, ou até mesmo amoroso, para lembrar do sugestivo título do livro de Roland Barthes “Fragmentos de um discurso amoroso” – pode-se dizer que vivemos em um tempo em que relativamente é isso que se apresenta no contexto da sociedade atual: um interminável mosaico discursivo.

3 Considerações finais

Ao final deste percurso reflexivo, é importante retomar alguns pontos essenciais discutidos no presente texto.

Iniciamos o estudo desenvolvendo uma leitura acerca dos conceitos de modernidade e pós-modernidade, tomando, para tanto, referenciais centrais, no âmbito da teoria sociológica, que especificam cada um destes momentos históricos.

No contexto da modernidade, ressaltamos a questão da ciência como um saber universal – uma narrativa que buscava dar conta dos fenômenos naturais e sociais. Além deste ponto, foi discutida a questão do tempo moderno que se apresentava como algo em constante movimento unilinear para acompanhar os progressos tecnológicos. Neste contexto, a modernidade era vista como o momento das grandes conquistas e descobertas sociais.

Seguindo as discussões, chega-se ao período caracterizado, pelos teóricos contemporâneos, como a etapa pós-moderna. Nesse horizonte, vêem-se as substantivas mudanças vivenciadas pela sociedade, quer seja na

esfera tecnológica, na científica, temporal, cultural, identitária, espacial, que passam a determinar um descentramento dos sujeitos e de seus discursos.

Neste texto, também levantamos a hipótese de uma contigüidade entre modernidade e pós-modernidade na medida em que estes momentos estão em íntimo contato, sendo complicado conceber um sem o outro.

Vive-se hoje na sociedade da informação e nada mais apropriado para ser discutido, nesta perspectiva, que o papel dos meios de comunicação no mundo contemporâneo. Por isso, o nosso recorte que especifica a narrativa do jornalismo cultural na etapa da sociedade pós-moderna.

Nestes termos, definimos em linhas gerais o conceito de jornalismo cultural, demonstrando que esta atividade atualmente também se apresenta e se legitima enquanto uma forma de conhecimento, como uma narrativa que se mescla aos outros saberes pós-modernos. Tratamos brevemente das estratégias de seleção e agendamento dos acontecimentos culturais, para destacarmos os mecanismos de abordagem dos fatos relacionados ao universo cultural.

Para finalizar, discutimos, em linhas gerais, devido à brevidade do estudo, como a cultura é mediada pelo jornalismo, como se estabelece esta relação e qual o significado social de tal mediação.

4 Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- DINIZ, Ariosvaldo da Silva; ALVES, Patrícia Formiga Maciel. *A implosão do*

sentido: o discurso sociológico da pós-modernidade. João Pessoa: Manufatura, 2005.

FEATHERSTONE, M. *O desmanche da cultura*: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 1997. (Coleção Megalópolis)

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GUEDES, Viviane Marques. A construção da cultura no cotidiano do jornalismo impresso em João Pessoa. In: PEREIRA, Wellington (org.). *Epistemologias do caderno B*: cotidiano, cultura e jornalismo. João Pessoa: Manufatura, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.